

MARCAS DO SUL
Maria Ester Vidal

Quando sentei no meu banco,
Enfumaçado do fogo,
Protegido com pelego,
Aqui no velho galpão...
Dei de mão na cuia quente,
Que descansava ao meu lado,
E dei de rédea no tempo,
Para absorver o passado...!

Fui longe!...
Não dá nem para dar detalhes
De onde meu zaino andou...
Mas sei o que eu sentia...
-Ah! Isto sim, me tem valia,
Pois me relata quem sou!
Meu peito frágil se esguia
Para ancorar estes símbolos,
Meus olhos olham o céu,
Procuram a estrela guia,
Pois sei que todos os dias,
Um gaúcho a cumprimenta!

Na amada vestimenta,
Tenho orgulho de ser forte!
De ter no lenço o suporte
Que identifica ancestrais;
De ter um chapéu tapeado,
E este perfil respeitado...;
De ter no olhar um legado,
Que se espalha como o vento
E me remete a contento,
Ao caminho aonde vou...!

A coxilha, que é verde,
Observa do alto,
O vermelho do sol
Se pondo na serra...!
E a macela amarela
Que enfeita este pago,
Completa as três cores
Levantadas na guerra!

E assim me enraízo
Na pampa que falo...!
Vou contemplando a paisagem
Que nem vejo do galpão,
Porque nem precisa visão
Para correr a cavalo

Num campo onde eu me embalo
Quando sorvo um chimarrão!

São marcas que vão ficando
Neste percurso campeiro,
É a bomba roncando,
É o som do gaitero;
É peão, capataz, ao redor do braseiro...!
...São as marcas do sul,
Que o plantarem-se na gente,
Espalharam a semente:

-De ter cerne, ser amigo;
-De confrontar no que digo,
A lealdade ao parceiro!!!